

ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA ALUNOS SURDOS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Gabriella Araújo Silva¹ - Unifesspa

Andressa Mouana de Freitas Rodrigues² - Unifesspa

Luiz Felipe Pontes Dias³ - Unifesspa

Lúcia Cristina Gomes dos Santos (Coordenador do Projeto)⁴ – Unifesspa

Área de conhecimento de acordo com CNPq: Ciências Humanas

Agência Financiadora da Bolsa: Pró-Reitoria de Ensino de Graduação-PROEX

Programa de Ensino: Programa de Apoio à Inclusão de Discentes com Deficiência, parceria PROEX e NAIA.

Resumo: Relata as dificuldades encontradas por alunos surdos do ensino básico público no município de Marabá na aquisição linguística do português e da Libras. Também expõe o processo de ensino aprendizagem em língua portuguesa, história, geografia, ciências e Libras que os mesmos tem passado junto aos membros constituintes do Programa de Extensão – Práticas Extensionistas em Inclusão de Surdos: Formação de Sujeitos Inclusivos e Construção de Contextos Acessíveis no Sudeste Paraense.

Palavras-chave: Surdez; Ensino; Língua Portuguesa; Libras; Bilíngue.

1. INTRODUÇÃO

O ensino da língua portuguesa nas escolas de educação básica para alunos surdos enfrenta diversos desafios em sua prática, dentre os vários relatos oriundos dos educandos surdos participantes do Programa PEINPS, os mais pertinentes são: a falta de materiais didáticos e de apoio adaptados, a falta de professores com formação em Libras, falta de intérpretes e o mais importante a dificuldade de adesão linguística de uma língua oral auditiva que possui não só estruturas gramaticais como formas de expressões distintas.

Segundo Gomes (2022, p.6), “A dificuldade que a falta no ensino da língua materna carrega é preocupante, pois gera problemas no indivíduo na sua interação, desenvolvimento cognitivo, autonomia e até mesmo no seu reconhecimento como sujeito Surdo”, tal fala reafirma o imprescindível papel que a Libras tem no ensino de crianças surdas nas salas de aula. Quadros (1997, p. 16) afirma que, “sem se expressar através de um sistema complexo e rico, uma pessoa não tem condições de interagir social e cognitivamente com qualidade e com quantidade no seu meio”. Entende-se, portanto, que a comunicação por meio da fala é essencial para as relações sociais, desse

¹Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras (FAEL/ILLA/Unifesspa). Bolsista do Programa de Extensão – Práticas Extensionistas em Inclusão de Surdos: Formação de Sujeitos Inclusivos e Construção de Contextos Acessíveis no Sudeste Paraense. E-mail: gabriella.araujo@unifesspa.edu.br.

² Graduanda do Curso de Bacharelado em Psicologia (FAPSI/IESB/Unifesspa). Bolsista do Programa de Extensão – Práticas Extensionistas em Inclusão de Surdos: Formação de Sujeitos Inclusivos e Construção de Contextos Acessíveis no Sudeste Paraense. E-mail: andressarodrigues@unifesspa.edu.br.

³ Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia (Gamaliel), Especialista em Tradução e Interpretação (unifap), Técnico especializado em Língua de Sinais na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: luiz.felipe@unifesspa.edu.br.

⁴Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia (UFPA). Técnica na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Coordenadora do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão Acadêmica – NAIA. E-mail: luciacris@unifesspa.edu.br.

modo, pode-se inferir que o aprendizado da língua materna é de suma importância para o desenvolvimento integral do sujeito. No mesmo sentido, Ribeiro (2013, p. 21) explica que:

Viver no espaço escolar significa compartilhar saberes que enriquecem nossas experiências, que amadurecem nossos ideais e nos fazem produtivos. A diversidade instalada na escola comprova o quanto é imprescindível um olhar heterogêneo e individualizado sobre a educação, buscando compreender seus caminhos e as diferentes formas de expressão e reação de cada sujeito em relação ao ensino, levando em conta sua bagagem cultural como ponto inicial para ampliação de seu conhecimento.

Nesse contexto, apresenta-se a experiência desenvolvida no Programa de Extensão Práticas Extensionistas em Inclusão de Surdos: Formação de Sujeitos Inclusivos e Construção de Contextos Acessíveis no Sudeste Paraense, com a proposta de ensinar língua portuguesa para um estudante surdo do 6º ano de uma escola da rede municipal de ensino de Marabá através de uma metodologia bilíngue. O estudante é fluente em Libras e tem pouco conhecimento da língua portuguesa escrita. Segundo Quadros (2019, pg. 148):

A educação bilíngue se configura como educação regular, na qual a língua de sinais é a primeira língua, a língua de instrução (língua usada na escola para interação), praticada por crianças surdas em um espaço com acesso ao ensino da língua do país, com metodologias específicas de ensino de segunda língua para surdos.

Desse modo, pode-se inferir, a partir desta afirmação, que o processo de aquisição da Libras como língua materna é essencial, pois melhora o processo de ensino aprendizagem de alunos surdos. Skliar et al. (1995, apud Quadros, 1997, p. 27) que “é necessário “defendem que o reconhecimento dos surdos enquanto pessoas surdas e da sua comunidade linguística assegura o reconhecimento das línguas de sinais dentro de um conceito mais geral de bilinguismo. Ressalta-se que as estratégias metodológicas adotadas pelos docentes devem contemplar as duas línguas, ou seja, apresentar a Libras e o português simultaneamente, fazendo uma relação entre as duas. Segundo (QUADROS E SCHMIED 2006, p. 24).

[...] A língua de sinais também apresenta um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem do português. A ideia não é simplesmente uma transferência de conhecimentos da primeira língua para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados.

Vale destacar ainda, que a Lei de Diretrizes e Bases - LDB, aponta no capítulo que trata da educação especial, Art. 58, parágrafo primeiro que “Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.” (BRASIL, 1996).

Dentre os desafios para o ensino da língua portuguesa para este estudante está a falta de conhecimento da Libras por parte dos seus professores do ensino comum, tendo em vista que a comunicação é a base para o processo de ensino e aprendizagem de qualquer disciplina. A escola na qual o aluno estuda é da rede municipal e não conta com intérpretes de Libras todos os dias auxiliando, ou seja, ele é acompanhado por um intérprete de forma intermitente. Outro ponto a destacar é o fato de que, os membros da comunidade escolar não sabem a Libras, o que acarreta a exclusão do discente na maioria das aulas e em sua convivência social, contrariamente ao que consta de acordo com o parágrafo 2º da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, que diz, entre outras coisas, que a educação escolar vincula-se a prática social, e o Art. 4º, também da mesma lei, que garante o atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, atendimento especializado este que não ocorre de forma plena na instituição.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Neste trabalho utilizou-se a abordagem qualitativa, a escolha se deu em função desse modelo possibilitar a compreensão de temas possivelmente complexos, onde a quantificação não consegue englobar as nuances das práticas humanas. Como dizem Marconi e Lakatos (2003) (citando Richardson, 2015, p. 90) “A pesquisa qualitativa é uma tentativa de compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”.

Nesse sentido, o estudo relata o acompanhamento de um aluno de 12 anos de idade, surdo e usuário da língua brasileira de sinais, Libras, que frequenta o 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública de ensino regular no município de Marabá. Duas vezes na semana este aluno é acompanhado no Centro de Atendimento Especializado na área da Surdez - CAES e duas vezes por semana comparece no Núcleo de Acessibilidade e Inclusão Acadêmica (Naia) onde recebe aulas acessíveis em Libras das seguintes disciplinas: português, história, ciências, geografia e Libras ministradas por duas bolsistas do Programa de Extensão Práticas Extensionais em Inclusão de Surdos: Formação de Sujeitos Inclusivos e Construção de Contextos Acessíveis no Sudeste Paraense, e pelo professor e intérprete de Libras do Naia. As aulas são construídas no contexto de um ensino bilíngue, usando materiais visuais. As bolsistas são alunas dos cursos de licenciatura em letras português e psicologia.

Vale ressaltar que o estudo está em andamento, o programa iniciou em março, período em que as instituições estavam em greve. A atividade inicial foi a realização de reunião com a coordenação do programa e com o tradutor intérprete de Libras do Naia, com o objetivo de apresentar o projeto e alinhar as ações a serem desenvolvidas. Considerando procedimentos éticos, para iniciar o acompanhamento do aluno surdo em questão, houve um contato inicial com a mãe do aluno para apresentar a proposta e acertar os dias de atendimento. No primeiro dia foi realizada uma anamnese com o aluno para identificar qual o seu nível de conhecimento nas disciplinas mencionadas, e assim, elaborar um planejamento de ensino com atividades que atendessem suas necessidades.

Durante as aulas foi constatado que há várias lacunas de aprendizado em sua trajetória escolar, levando em consideração estar no 6º ano do ensino fundamental, havia assuntos que o aluno não tinha domínio, que geralmente, crianças nessa série escolar deveriam ter. Como por exemplo, seu total desconhecimento acerca da história das grandes navegações europeias e do processo de colonização do Brasil que o mesmo já deveria compreender. Desta forma, buscamos suprir estas falácias produzindo aulas em Libras e ministradas utilizando sempre o apoio de materiais visuoespaciais e adaptados como jogos, computadores e projetor que são a melhor estratégia nesse caso, como indicam pesquisas realizadas por estudiosos da área que informam que o sujeito surdo é visual, ou seja, aprende melhor por meio de imagens como nos mostra Cromack “[...] Pelo fato de os surdos viverem em um mundo completamente visual-gestual, seu cognitivo se desenvolve de um modo totalmente visual, [...]” (Cromack, 2004, p. 69). Assim sendo, o estímulo visual deve ser levado em consideração no desenvolvimento de planos de aulas voltados para pessoas surdas. Tendo em vista essa informação, o material construído para ensinar estudantes surdos deve conter imagens, sempre considerando a proposta bilíngue.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados até o momento observados mostram-se promissores, em apenas alguns encontros, com a aplicação de uma metodologia de ensino bilíngue, constituiu-se uma maior aprendizagem dos conteúdos educacionais trabalhados com o aluno. Estamos suprimindo as muitas faltas decorrentes de um processo de ensino excludente ao qual o aluno vem sendo exposto.

O uso de duas línguas para o ensino é uma prática que engloba de forma mais eficaz os conteúdos que busca-se trabalhar nos encontros, sempre incluindo a criança, ou seja, primeiro

usando sua primeira língua, a Libras, e depois, sua segunda língua ainda em aquisição, o português. Deste modo, o uso do bilinguismo vem sendo uma importante ferramenta nesse processo de ensino-aprendizagem, possibilitando um melhor aproveitamento por parte do aluno dos assuntos abordados durante as aulas no Naia.

Foto 1: Aula de língua portuguesa.



Aluno na aula de língua portuguesa do dia 19 de julho.

Fonte: Acervo do Programa de Extensão

Foto 2: Aula de ciências.



Aluno em aula interativa de Ciências acerca do nosso sistema solar.

Fonte: Acervo do Programa de Extensão

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento das atividades do PEINPS com o aluno surdo, observou-se que a pessoa surda aprende conteúdos, e conseqüentemente, a aquisição da segunda língua, por meio de atividades viso-espaciais. Portanto, para alcançar os objetivos que planejou, o docente precisa fazer adoção deste tipo de material em sua prática cotidiana para ensinar qualquer conteúdo.

Outro ponto observado é a necessidade de ter o intérprete de libras na sala de aula, pois ele é o suporte que a pessoa surda necessita para ter acesso ao conteúdo. Como já citado anteriormente, a LDB recomenda que tenha em sala, quando o apoio necessário para a pessoa com deficiência, no caso das pessoas surdas, o intérprete de Libras é o suporte indispensável para que o aluno surdo consiga compreender e aprender a língua portuguesa.

Até o momento, entende-se que a utilização do bilinguismo como abordagem de ensino para a aquisição da língua portuguesa para crianças surdas, mostra-se como positiva, principalmente, para a solução de alguns pontos abordados neste trabalho. Portanto, entende-se que a proposta do Programa de Extensão, apoiado no bilinguismo como abordagem de ensino para a aquisição da língua portuguesa é favorável para o processo de aquisição da língua portuguesa do aluno atendido.

5. REFERÊNCIAS

Cromack, Eliane Maria Polidoro da Costa. **Identidade, Cultura Surda e Produção de Subjetividades e Educação: Atravessamentos e Implicações Sociais**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gwqgpPLXRVSfVVrLd8WsS/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 11 set. 2024.

Costa, Letícia Gomes. **A importância do ensino da LIBRAS na educação Infantil**. 2022. 166 f. Monografia (Especialização em Educação Especial e Inclusão Socioeducacional) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Belém, PA, 2022.

Quadros, Ronice Müller de. **Libras**. 1. ed. - São Paulo : Parábola, 2019.

Quadros, Ronice M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. São Paulo: Artmed, 1997.

Ribeiro, V. P. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: percepção de professores sobre adaptação curricular em escolas inclusivas**. Curitiba: Prismas, 2013.